



**“Lula é o nosso hino nacional!”:
Memória e Representação Discursiva no Documentário
“Peões”, de Eduardo Coutinho**

A constituição da memória envolve diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos e feitos do passado que devem ser lembrados, assim como pela demarcação daqueles que devem ser esquecidos. Mitos e heróis nos ajudam a lembrar disso. O mesmo acontece em relação aos homens que devem ser considerados heróis e que merecem ser incluídos em uma galeria que compõe o panteão nacional. Cada época constrói sua memória e seus heróis e nisso, muitas vezes, se contrapõe à imediatamente anterior.

Também sabemos que a constituição do herói envolve a vitória sobre alguma adversidade, demanda algum sacrifício. Desde a mitologia grega, passando pelo universo da Igreja Católica, com a vida e morte de Cristo e dos santos, até os dias de hoje, os heróis e seus feitos oferecem exemplos, conforto e esperança aos comuns dos mortais. Desse modo, ao contrário senso que lida com o mito como engano, como ilusão que se oporia à realidade

objetiva racional, nós consideramos que o mito procura dar sentido ao mundo, permite tornar inteligível a complexidade da vida social.

O documentário “Peões”, dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho, oportuniza-nos extrair reflexões a partir desses aspectos mencionados dada a fortuna que contém. O seu conteúdo disponibiliza imagética e discursivamente o resgate - por participantes até então anônimos ou de menor importância - do período das grandes greves dos operários metalúrgicos do ABC paulista. Entrevistados pelo cineasta, os depoentes, ao falarem de suas vidas, são remetidos aos acontecimentos grevistas de 1979 e 1980. Então, diversas visões são descortinadas por cada um: desde a visão pessoal sobre o líder – Lula – até o efeito da militância política sobre suas próprias vidas e de seus familiares; suas origens, participação nos acontecimentos; o desenrolar de suas vidas após aquela época; memórias de um tempo que decisivo em suas existências. Todos os depoimentos são entremeados por cenas de outros filmes sobre movimentos operários – onde eles estavam presentes – e cenas de suas participações nas assembleias sindicais daqueles momentos.

Vinte e um personagens aparecem em cena (de um universo de quase cinquenta entrevistados, segundo o diretor). Vários foram demitidos por causa das greves e obrigados a procurar outros trabalhos, fazendo o possível para sobreviver. Há os que vivem bem, os que vivem modestamente e os que têm de trabalhar em outra atividade para completar a aposentadoria - entre os que conseguiram se aposentar como metalúrgicos. Duas personagens não eram metalúrgicas, mas participaram ativamente do movimento. Por último, um operário ainda na ativa, mas que só consegue empregos temporários.

Como lembra Consuelo Lins (2004, p. 178), “o que une esses operários no presente não é o espaço comum da fábrica ou do sindicato, mas uma cultura política – ou fragmentos dela – adquirida na prática, na vivência no interior das fábricas ao longo das grandes mobilizações dos operários do ABC paulista”.

Desse modo, dentre as muitas possibilidades interpretativas que o documentário “Peões” coloca ao expectador/analista, está aquela de

compreender a constituição e os efeitos da memória sobre a história coletiva e pessoal, sobretudo, e nas representações que emergem da mesma sobre fatos e pessoas - pelos depoimentos daqueles que participaram do documentário. Mais especificamente, para o objetivo deste texto, ajuda-nos a compreender a representação que emerge de Lula, pelos acontecimentos, como o “herói no movimento operário” (SILVA JR., 1998), para além de líder, de mobilizador de uma categoria profissional – os operários do ABC paulista nas greves dos anos 1979 e 1980. As falas de Januário, Elza e Geraldo nos são representativas quanto ao objetivo alçado.



Januário é (foi) o fotógrafo das greves para o sindicato. Conta que desde quatorze anos já estava envolvido na “luta”, seja na igreja, nos movimentos de bairro, no movimento estudantil, no movimento operário. Em certo momento de seu depoimento, diz-nos que certo dia, durante a greve de 1979, chegou ao sindicato um aparelho de som de presente para Lula. Este ligou para o sujeito que havia mandado o aparelho de som e exigiu que em dez minutos ele levasse de volta o aparelho de som ou seria denunciado por tentar comprar um dirigente sindical. Januário conta que, naquele dia, ao presenciar aquela cena, percebeu que Lula “era o cara”.

Elza é a ex-operária que tem orgulho de ter participado do movimento operário e guarda como preciosidade uma revista (a revista Visão, na qual ela aparece em uma foto da assembleia de 1º de maio de 1980) no intuito de mostrar para seus futuros filhos que “a mãe deles ia à luta”. Ela fala que o que mais admira no hino nacional é a parte que diz “verás que um filho teu não foge

à luta”, que acha bonito um homem lutar, e que Lula representa essa frase do hino. Segundo ela, Lula é aquele que não foge à luta; “passou por barras durante as greves... ele sofreu mais porque ele foi cassado... ele é o nosso hino nacional”.



Geraldo é o último dos depoentes. É um operário ainda na ativa: soldador desencantado com a situação atual trabalha agora por contrato temporário, mas nos últimos anos trabalhou pouco; com mais de 40 anos ficou mais difícil ainda. Diz que não quer que os filhos passem o que passou. Pode até sentir saudades da vida da fábrica, mas dos colegas, e não do trabalho. Diz que Lula foi um herói na época das greves “porque quando a mãe dele faleceu, ele estava preso... no DOPS... fomos lá... liberar ele para ver o corpo da mãe... Olhou o corpo, chorou... depois pegaram ele... e levaram de volta.”



Dos trechos dos depoimentos sobre Lula observados acima depreendemos a inclinação à mitificação, à heroificação do líder que, por um traço próprio de personalidade ou aspectos puramente imanentes a si mesmo, possui extraordinariedade e singularidade únicas; “(...) um líder nato que tem

como tarefa levar a classe operária a um novo patamar de conscientização” (JORGE, 2011, p. 191).

As falas manifestas sobre Lula não surgem espontaneamente; são incentivadas pelo próprio Coutinho, que pergunta aos entrevistados o que eles acham do então dirigente sindical e pedem para que eles contem como era sua relação com o mesmo. Além do incentivo do diretor do documentário, há o estímulo do próprio momento histórico, com a empolgação da iminência da chegada de Lula à Presidência da República, que ajuda os entrevistados a se entusiasmarem com o ex-sindicalista.

Esse traço comum de mitificação e heroificação de Lula, que sobressai nos depoimentos por nós destacados, pode ser compreendido à luz das reflexões que Adhemar Lourenço da Silva Jr. apresenta em “O herói no movimento operário”. Nesse texto, Silva Jr. introduz a reflexão ao problema do conhecimento empírico e do aprimoramento do aparato conceitual para análise de heroizações de personagens do movimento operário. Usa como suporte empírico a documentação referente ao Rio Grande do Sul na República Velha. Nesta perspectiva, propõe-se a verificar se os modelos de narrativas heroicas, elencados por Girardet (1987, p. 73-96), encontram expressão nos relatos do movimento operário ou de sua historiografia. (Girardet classifica os “heróis/salvadores” em quatro tipos. O primeiro deles seria o do homem experiente, prudente, moderado; outro, seria aquele que se apodera das multidões e a subjuga, sendo que a legitimidade de seu poder não provém do passado, mas da ação imediata; o “homem providencial” seria o terceiro modelo, é ele que lança as bases de uma “ordem nova”; e o último seria o salvador profético, o anunciador dos tempos por vir, o que guia o seu povo pelos caminhos do futuro. O chefe profético seria a encarnação da vontade geral, não mais seu simples representante; é ele que encarna seu destino histórico em seu passado, presente e futuro.)

Silva Jr. examina quatro modelos, sendo que apenas o último está ausente da tipologia de Girardet. São eles:



- a) o “do velho homem cuja vida foi coberta de glórias, retirou-se da vida pública e volta para restaurar os males ocorridos durante seu afastamento”;
- b) o do “conquistador” que se apodera das multidões e que se aproxima do modelo do profeta impulsionado por uma visão de um futuro promissor, no qual “o estrategista operário militante maneja a arma da palavra (...) persuadindo as multidões que a este servem”. É o modelo básico de heroificação operária;
- c) o “legislador” que tende a aparecer nos momentos de confusão; e...
- d) o “herói sagaz”.

O segundo modelo, relacionado com o conquistador que se apodera das multidões, aproxima-se muito, para o caso específico do movimento operário, do quarto modelo de Giradert, o do profeta impulsionado por sua visão de um futuro promissor. Os dois modelos convergiram no movimento operário devido à missão histórica da qual este se vê investido, que demanda a luta contra a exploração sem necessariamente avaliar os resultados dessa luta no curto prazo, às vezes apenas em um futuro distante. O estrategista operário militante maneja a arma da palavra, persuadindo as multidões (mesmo que estas sejam minúsculas, como a base de um sindicato), denunciando os opressores e os que a estes servem. Este é o modelo básico de heroificação operária, atribuído a todos os nomes sacralizados. São profetas que sofreram danos físicos ou morais com seu ímpeto, e daí provém a dupla definição de “heróis e mártires”, encontrada na historiografia tradicional e memorialista. Podemos aplicar o modelo a quase qualquer liderança carismática digna de memória – dos mártires de Chicago a uma Rosa de Luxemburgo, para não nos referirmos novamente a Lênin ou a Trotski.

Mas há um aspecto importante na heroificação segundo esse modelo: o momento culminante desse herói – momento que tende a definir o êxito ou não do processo de heroificação – é o de sua punição ou morte, momento a partir do qual se cristalizam os relatos que, agora não mais restritos à sua conduta, tratam da definição de seu ciclo de vida como heroico. A diferença entre os relatos (bem como a forma de sua constituição) sobre a “conduta” conquistadora do líder carismático de multidões e sobre a “vida” profética –



composta de tênues traços, invisíveis aos contemporâneos e revelados pelos biógrafos do futuro – parece-nos clara nas referências ao líder sindical Lula.

Lula, o líder sindicalista, encarna, em sua trajetória de vida, os aspectos acima delineados, visto que, como centenas de companheiros operários, sua família saiu do Nordeste (Pernambuco) para tentar melhores condições de trabalho no estado de São Paulo. A trajetória de Lula, portanto, começa no ordinário, na estatística, como a trajetória típica da maior parte dos metalúrgicos do ABC. No entanto, do ABC ela se transforma em uma trajetória absolutamente atípica. Do interior de Pernambuco para a direção do Sindicato dos Metalúrgicos, a cassação, a prisão (enquadrado na Lei de Segurança Nacional que vigia àquela época), o cargo de deputado federal e finalmente a Presidência da República, temos a interferência do extraordinário.

Portanto, apesar de Lula tentar passar a imagem de que, antes de ser um líder extraordinário nato, ele foi fruto do processo de tomada de consciência de toda uma categoria, a força de seu carisma vai de encontro à carência de seus companheiros operários. São as aspirações coletivas, conscientes ou inconscientes, que as personagens midiáticas corporificam e por isso tornam-se mitos, figuras aglutinadoras do imaginário de determinada época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

Peões. Direção: Eduardo Coutinho, Produção: Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes Produções Artísticas Ltda, 2006, 1 DVD.

FEIJÓ, Martin César. *O que é herói?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JORGE, Marina Soler. *Lula no documentário brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.



LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MICELI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

OTERO, Loiva; ELMIR, Cláudio. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 1998.

SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In: OTERO, Loiva; ELMIR, Cláudio. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 1998.

Davi Kiermes Tavares e Márcio Antônio Souza Paim,
Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia,
Campus Eunápolis.